

Helena Almeida, Saída negra, 1995 (dormenor). 5 Fotografias p/b.  
Coi, Norlinda e José Lima, em depósito no Núcleo de Arte da Oliva Creative Factory.  
Fotografia: Anibal Lemos, cortesia Núcleo de Arte da Oliva Creative Factory.



EXPOSIÇÃO

**HELENA ALMEIDA**  
A MINHA OBRA É O MEU  
CORPO, O MEU CORPO É A  
MINHA OBRA  
17 OUT 2015 – 10 JAN 2016

A exposição “Helena Almeida: A minha obra é o meu corpo, o meu corpo é a minha obra” apresenta-nos o trabalho de pintura, fotografia, vídeo e desenho desta artista dos anos 1960 até à atualidade, salientando a importância do corpo – que regista, ocupa e define o espaço – e sua capacidade expressiva.

Desde o início da sua carreira que Helena Almeida explora e questiona as disciplinas tradicionais, procurando constantemente romper com o plano pictórico e rejeitando os limites físicos da tela ou da folha de papel para, através do desenho, da pintura e da fotografia criar “espaços habitados”, onde a realidade e a representação se confrontam. Como a própria artista afirma: “Nunca fiz as pazes com a tela, o papel ou qualquer outro suporte. Creio que o que me fez sair do suporte, através de volumes, fios e de muitas outras formas, foi sempre uma grande insatisfação em relação aos problemas do espaço. Quer enfrentando-os, quer negando-os, eles têm sido a verdadeira constante de todos os meus trabalhos. Creio estar perto da verdade se disser que pinto a pintura e desenho o desenho”<sup>1</sup>.

Desde o início da sua atividade que o seu desejo em perturbar a condição bidimensional da pintura é evidente. Numa série de telas sem título que realizou em 1968-69 deparamo-nos com o processo de desconstrução dos suportes tradicionais. Apresenta a tela, ora enrolando-a e prendendo-a como se de uma mera cortina se tratasse, ora exibindo-a como se fosse uma estrutura mole que tivesse cedido ao próprio peso, ou ainda apresentando-a intacta, deixando ver o outro lado do quadro, a grade, tanto numa pintura-porta como numa tela translúcida. Enquadráveis nesta série estão também outras obras, presentes na exposição, como uma tela cuja moldura se deslocou da pintura, e uma

outra com telas coloridas penduradas de um saco transparente, como dejetos ou a matéria da própria pintura.

“Comecei com uma linguagem familiar (...). Não ia fazer arte abstrata, e pouco a pouco todos estes elementos começaram a sair do quadro. Depois, a tela começou a autodestruir-se. Era uma espécie de destruição, uma necessidade de acabar com a pintura (...) como uma janela que se abre, uma persiana que se enrola, uma tela que se estica (...). Digo a destruição da pintura porque a tela acabou por ficar antropomórfica. Acabou por identificar-se comigo.”<sup>2</sup>

A partir de 1968-69 a artista utilizou os materiais da pintura como se fossem extensões do seu corpo, fazendo-se fotografar nessa ação, introduzindo uma dimensão performativa no seu trabalho. Uma perna, um pedaço da cabeça, num dos casos, ou o seu corpo sob uma figura construída em tela, noutra imagem. A obra *Tela habitada* de 1976-77, é disso um exemplo. Foi também neste período que a artista começou a produzir uma série de desenhos escultóricos, aplicando fio de crina de cavalo a trabalhos sobre papel ou cartão. Estes desenhos saltam para fora do papel projetando-se para o exterior, com o objetivo de tornar o desenho tridimensional e tangível, invadindo o espaço do espectador. Estes desenhos materializam-se numa série que perdurará ao longo de toda a década seguinte.

Os problemas formulados na década de 1960, são sintetizados pela artista num conjunto de obras executadas entre 1974-78. Com sua introdução, a fotografia constitui um meio ideal para explorar as lacunas entre a vida emocional interior e a imagem visível exterior.

<sup>1</sup> Isabel Carlos, *Helena Almeida: Dias quase tranquilos*, Lisboa: Editorial Caminho, 2005, p. 13.

<sup>2</sup> Conversa entre Helena Almeida e María de Corral, in *Helena Almeida*, cat. exp, Santiago de Compostela: Centro Galego de Arte Contemporánea, 2000, pp. 14-34 (p. 18).

A artista atravessa para o outro lado do espelho e passa a habitar dentro da obra, a fazer dela a sua casa, o seu corpo. A transformação da linha em fio de crina (*Desenho habitado*), a inscrição de uma pincelada de cor azul numa sequência de fotografias a preto e branco (*Pintura habitada* e *Estudos para enriquecimento interior*), ou o ato de vestir a tela sugerem ações desenvolvidas pela artista, gestos e memórias. Relativamente à escolha da cor azul, a artista diz-nos que “Uso o azul porque é uma cor espacial. Se pusesse verde ou amarelo, ficaria um desastre. Ou castanho. Tem de ser azul. Às vezes ponho vermelho; é uma tinta que tem outros significados, é o peso. Uso-o quando não estou a querer fazer o espaço. Uso o azul para mostrar o espaço; ou quando abro a boca, aí ponho o azul. É mesmo o espaço, é engolir a pintura, é pôr o espaço na pintura. É agarrar na pintura... Tem de ser o azul.”<sup>3</sup> No final da década de 1970, as imagens de Helena Almeida explodem de dramatismo nas séries *Ouve-me*, 1978-80, *Sente-me*, 1979, *Vê-me*, 1979 e *A casa*, 1979. Nelas, o corpo da artista reaparece, mas ferido por palavras inscritas sobre a imagem. A palavra ‘ouve-me’ aparece como se estivesse cosida nos lábios da artista, reforçando o efeito de silenciamento. Imagens de Helena Almeida amordaçada, suturada ou abafada por uma tela contra a qual pressiona a boca e as mãos, inspiram leituras de opressão e ao mesmo tempo de controlo, trazendo reflexões ainda hoje relevantes sobre a voz da artista – e, ao mesmo tempo, sobre sua ausência. Na sua peça sonora *Vê-me*, regista o som produzido enquanto desenha, o propósito da peça não era “fazer uma gravação descritiva dum ação, mas sim dar a sentir o espaço em movimento; entrando e estando dentro das zonas vibrantes do desenho,

diluímo-nos nele e com ele formamos um espaço físico, manipulado, dividido, cortado, cheio e vazio.”<sup>4</sup>

Na década de 1980-90 as imagens sofrem uma alteração de formato e escala. Em *Negro espesso*, de 1981, relaciona esta dinâmica dos opostos com o abismo entre a sua emoção interior e a sua imagem exterior. Envolvida por um vestido negro enorme a artista criou uma série de retratos em que parece ser engolida pelas roupas e empurrada para o limite do enquadramento – uma cabeça minúscula em cima de um corpo sem forma.

Séries como *Saída negra*, de 1995 ou, sobretudo, *Dentro de mim*, de 1995-98, irão prolongar a imagem de ritualização da pintura e, também, a subversão cada vez mais radical do que diferenciava ainda interior e exterior, interioridade e exterioridade.

Na série *Dentro de mim* de 1998, a artista já não olha para fora do quadro, para o seu espaço exterior. Parece cada vez mais ter integrado no seu corpo a própria matéria da pintura, como se expelisse um espesso pigmento negro que traça no chão linhas diagonais; as mãos e os pés arrastam vestígios de pintura no espaço esvaziado do ateliê. Um corpo absorvido no seu movimento, distraído de tudo, procurando perpetuar gestos outrora significativos, mas de facto sem qualquer significado, numa espécie de repetição mecânica.

Da série de 2006, *O abraço*, faz agora aparecer duas personagens, de costas para o espectador, que se abraçam num esforço de aproximação dos corpos, que se contorcem porque têm de se confinar ao espaço exíguo de um banco. Tudo se torna esforço, tensão do corpo, em que este deixa de ter identidade para se concentrar antes na pura dimensão física do seu esforço sem motivo, sem razão de ser, cumprindo um destino absurdo. Nestes

<sup>3</sup> Marta Moreira de Almeida e João Ribas, “Uma conversa que não acaba” in *Helena Almeida: A minha obra é o meu corpo, o meu corpo é a minha obra*. Porto: Fundação de Serralves, Paris: Jeu de Paume, Bruxelas: WIELS, 2015.

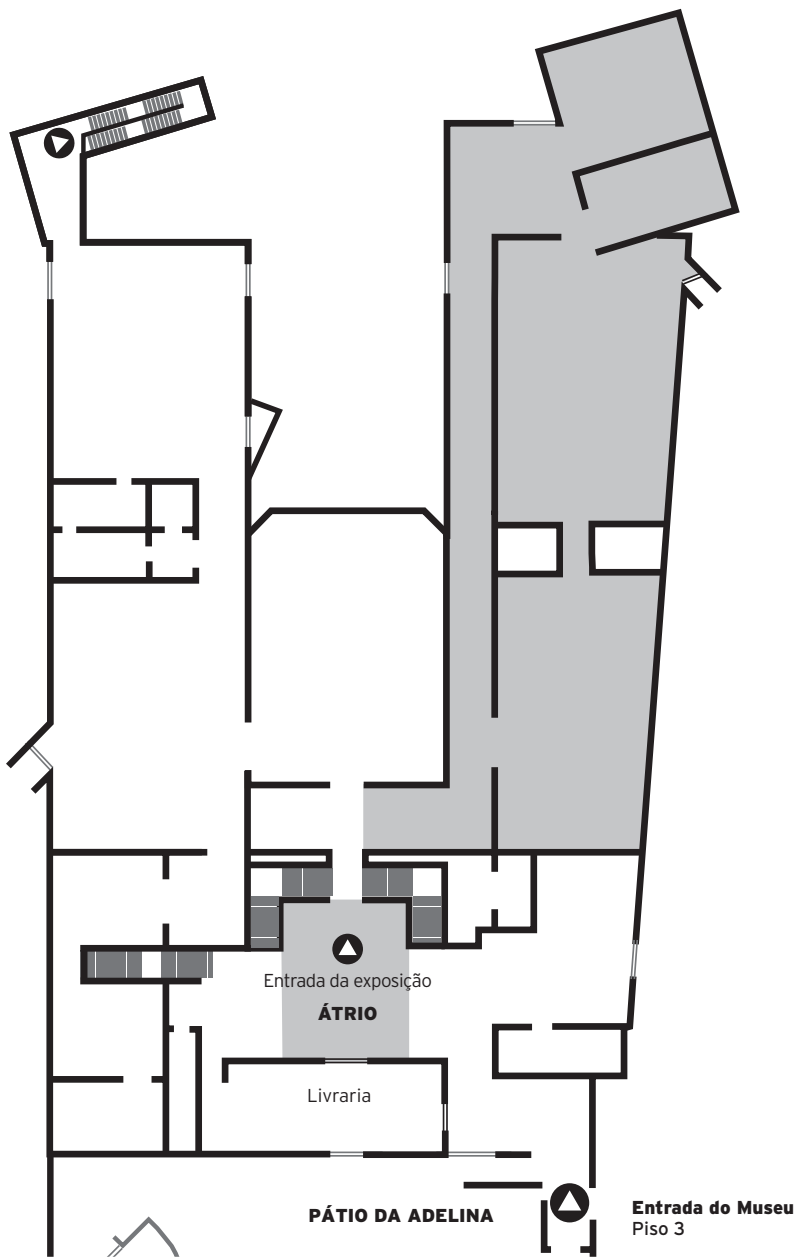
<sup>4</sup> Helena Almeida, *Vê-me*, 1979, gravação áudio, 32 min, e texto.

trabalhos a artista introduziu outra personagem, no caso Artur Rosa seu marido e colaborador de sempre. Sobre o assunto diz-nos que "ele é outro espaço. Ele é o que estava fora de mim. Eu estava cansada de fazer os dois espaços, e não havia maneira de dar bem. E depois, de repente, pedi ao Artur para me pôr a mão na cara e fotografámos. E depois o pé... Tudo foi desenhado. Depois fomos fazer o banco. O banco era muito pequenino, de propósito. O Artur tinha cinco segundos para chegar ao pé de mim. Era o tempo da máquina..."<sup>5</sup>

Texto escrito por Rita Martins, Serviço Educativo do Museu.

---

<sup>5</sup> Marta Moreira de Almeida e João Ribas, *Ibid.*



## BIOGRAFIA

Helena Almeida nasceu em Lisboa no ano de 1934. Estudou pintura na escola de Belas-Artes de Lisboa e tem mostrado regularmente a sua obra a partir de finais dos anos 1960. Desde o início da sua carreira, explora e questiona disciplinas tradicionais, em especial pintura, procurando constantemente romper com o plano pictórico. As obras que integravam a sua primeira exposição individual (Galeria Buchholz, Lisboa, 1967) já revelavam um exercício crítico sobre a pintura: ao mesmo tempo que mostra o que, numa pintura, deve ficar escondido, a artista investiga o corpóreo e a materialidade do suporte tradicional da pintura, a tela.

Exposições internacionais recentes em Kettle's Yard, Cambridge (2009) Fundación Telefónica, Madrid (2009), The Drawing Centre, Nova Iorque, Bienal de Sydney (2004) e Centro Galego de Arte Contemporânea, Santiago de Compostela (2000), aumentaram o reconhecimento da importância desta artista, quer em relação à arte portuguesa, quer num contexto internacional mais vasto. Helena Almeida representou Portugal duas vezes na Bienal de Veneza, em 1982 e 2005. A sua obra está presente em grande número de coleções públicas e privadas tanto em Portugal como no estrangeiro.

## PROGRAMA

### **Projeção do filme *Helena Almeida: Pintura habitada*, antecedida por apresentação de *Joana Ascensão*, realizadora**

Portugal, 2006, 50', cor

14 NOV (SÁB), 18h00

Auditório

*Pintura habitada* centra-se nas várias fases e elementos envolvidos no elaborado processo criativo através do qual Helena Almeida constrói os seus trabalhos, desde os primeiros estudos à exposição das obras acabadas. É um filme sobre a artista plástica Helena Almeida. Mas dizer isto, que é “sobre Helena Almeida”, talvez seja abusivo, visto que a “biografia” está longe de ser o centro do filme – e o facto de raramente vermos o rosto da artista (nalguns planos, ostensivamente cortado pelo enquadramento) só amplia essa dimensão: não se quer retratar uma “figura”, quer-se expor o relacionamento entre a artista, o trabalho e a obra, ver de que maneira o corpo (as mãos, exemplo prioritário) “habita” a sua pintura, a sua fotografia, o seu vídeo.

Apoio financeiro Instituto das Artes / Ministério da Cultura, Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Fundação Calouste Gulbenkian.

### ***I was here*, Conferência-demonstração por João Fiadeiro, coreógrafo**

28 NOV (SÁB), 16h00

Galerias do Museu / Auditório

João Fiadeiro apresentará a conferência-performance *I was here* que revisita a peça *I am here* criada em 2003 e que, por sua vez, visita o universo da artista plástica Helena Almeida. Este “hábito” de re-visitar, re-habitar, viver a mesma coisa, mas de um outro prisma, de uma outra perspetiva, acompanha desde sempre o modus operandi de João Fiadeiro. O dispositivo da “conferência-demonstração”, lugar híbrido entre a apresentação e a representação, entre a performance e o documento, amplifica ainda mais esse modo de operar, possibilitando a experiência simultânea do estar “presente-ausente” tão caro ao pensamen-

to de Fiadeiro. No concreto, *I was here* irá expor – através da apresentação de filmes, fotos, textos, maquetes, pequenas demonstrações, etc. – o modo como se deu o encontro com o trabalho da Helena Almeida.

## VISITAS GUIADAS

### **Por Sónia Borges** **Serviço Educativo do Museu**

25 OUT (Dom), 12h00  
Galerias do Museu

### **Por João Ribas e Marta Moreira de Almeida** **Curadores da exposição**

Exclusiva para Amigos de Serralves  
05 NOV (QUI), 19h30  
Galerias do Museu

### **Por João Pedro Vale** **Artista**

05 DEZ (SÁB), 17h00  
Galerias do Museu

### **Por Raquel Correia** **Serviço Educativo do Museu**

13 DEZ (SÁB), 12h00  
Galerias do Museu

### **Por João Ribas e Marta Moreira de Almeida** **Curadores da exposição**

10 JAN (DOM), 12h00  
Galerias do Museu

## FAMÍLIAS EM SERRALVES

### **Oficina: “Aqui o meu corpo é pintura e desenho”**

25 OUT (DOM), 10h00

Por Cristina Camargo – Oficinas de Artes, Lda, Serviço Educativo do Museu  
Sala do Serviço Educativo (Museu)

### **Oficina: “Pintura imaginária”**

01 NOV (DOM), 10h00

Por Rita Faustino, Serviço Educativo do Museu  
Sala do Serviço Educativo (Museu)

### **Oficina: “Desenhos por um fio”**

15 NOV (DOM), 10h00

Por Raquel Correia e Sónia Borges, Serviço Educativo do Museu  
Sala do Serviço Educativo (Museu)

## NATAL EM SERRALVES

### **Oficina: “Pintura imaginária”**

06 e 19 DEZ (DOM) 10h00-17h00

Por Rita Faustino, Serviço Educativo do Museu  
Sala do Serviço Educativo (Museu)

A exposição “Helena Almeida: A minha obra é o meu corpo, o meu corpo é a minha obra” é coproduzida pelo Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto, Jeu de Paume, Paris e WIELS, Bruxelas.

**Curadoria:** Marta Moreira de Almeida e João Ribas

**Registro e transportes:** Daniela Oliveira

**Consultoria para desenho da exposição:** Ana Maio

**Equipa de museografia:** João Brites, Ricardo Dias, Carlos Lopes, Manuel Martins, Adelino Pontes, Lázaro Silva

**Vídeo:** Carla Pinto

**Som:** Nuno Aragão

**Luz:** Rui Barbosa

**Serviço Educativo:** Denise Pollini (coordenadora), Diana Cruz, Cristina Lapa

Em simultâneo com a exposição “Helena Almeida: A minha obra é o meu corpo, o meu corpo é a minha obra” patente no Museu de Serralves será apresentada no Salão Nobre do Teatro Nacional S. João até 13 de dezembro a série sem título de 1994-95.

Apoio institucional



Mecenas Exclusivo da Exposição



Mecenas Exclusivo do Museu



**Seguradora Oficial:** Fidelidade – Companhia de Seguros, S.A.

Fundação de Serralves / Rua D. João de Castro, 210. 4150-417 Porto / [www.serralves.pt](http://www.serralves.pt) / [serralves@serralves.pt](mailto:serralves@serralves.pt) / Informações: 808 200 543  
PARQUE Entrada pelo Largo D. João III (junto da Escola Francesa)